

DECORANDO ALMAS: A ARTE MONUMENTAL DE PASQUALE DE CHIRICO EM SALVADOR (1903-1943).

ROSELENE DE SOUZA FERRANTE*

Considerações Iniciais.

Este trabalho destaca a vida e as obras do escultor Pasquale De Chirico no período de 1903 a 1943, época em que o artista viveu na cidade de Salvador. Contexto marcado pelo processo de modernização sustentado por diversas idealizações urbanas da cidade.

Os referenciais europeus de embelezamento e higienismo mobilizaram os poderes administrativos no início do século XX como forma de melhorar das condições de higiene das ruas, criando condições compatíveis para uma “sociedade civilizada” (SILVA, 2006: 59). As ruas da cidade ganhavam especial atenção, transformaram-se em pontos chave para a aplicação das políticas públicas. Muitas obras de De Chirico insere-se nesse contexto de transformação da cidade de Salvador como: reforma na região portuária (1906); alargamento de ruas na Cidade Baixa (1910); abertura da Avenida Sete de Setembro (1912); instalação do Relógio de São Pedro (1916); reforma do Palácio do Governador (1919); remodelação dos distritos da Sé, Conceição da Praia, Pilar, São Pedro e Vitória, demolição da Catedral da Sé (1933), entre outras (FLEXOR, 1998: 113). Nesse contexto destaque para as obras: Relógio de São Pedro (1916); Barão do Rio Branco (1919); Castro Alves (1923), General Labatut (1923), entre outras.

Se na Primeira República os homenageados nas obras eram ícones republicanos, com o advento do Estado Novo personagens do Império e do período Colonial ganharam destaque como: Visconde do Cayru (1932); 8º Conde dos Arcos (1932); Dom Pedro II (1937); Góes Calmon (1938); Padre Manuel da Nóbrega (1943); Pero Fernandes (1944), etc.

De Chirico continua sendo uma figura importante na vida artística da cidade. De mãos privilegiadas idealizou obras para praças, largos, solares, museus, cemitérios e academias.

* Mestranda em História do Programa de Pós-Graduação da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). Orientadora - Profª. Dra. Iara Lis Franco Schiavinatto.

Em terras brasileiras.

Pasquale De Chirico nasceu em 24 de maio de 1873 em Venosa, uma *comune* italiana próxima ao monte vulcânico dos Apeninos, distante 150 quilômetros de Nápoles, na região da Basilicata. A pequena Venosa, antiga cidade do Império Romano, não lhe oferecia muitas oportunidades. Em geral a pequena população dedicava-se à agricultura de subsistência, em um território envolto por colinas e montanhas.

De acordo com o depoimento do senhor Bartolo Sarnelli, neto do artista que conviveu com ele até a idade de 12 anos, Pasquale era o filho mais jovem de uma linhagem de artistas: pintores, escultores e desenhistas, sobre os quais pouco se sabe por falta de registros na época. Infelizmente, um incêndio no cartório de registro civil da cidade venosiana destruiu os documentos antigos, impossibilitando o levantamento da árvore genealógica da família De Chirico. Sabemos, contudo, que a pequena cidade era um “celeiro” de artistas, alguns autodidatas, que procuravam outros centros para se aperfeiçoarem. Foi assim com o pintor Giacomo Di Chirico (1844-1884), que aprendeu os primeiros rudimentos do desenho com o irmão Nicola Di Chirico, vinte anos mais velho, e com outros membros da família que o seguiram por admiração, uns ensinando os outros. Giacomo e Nicola, primos de Pasquale, são figuras de destaque no campo das artes da cidade de Venosa. A formação básica de Pasquale, no entanto ocorreu em casa entre os parentes e por força do seu “dom” para o desenho e a escultura, acabou ficando pouco tempo na sua cidadezinha montanhosa onde, certamente, havia pouco espaço para ele.

Ainda jovem obteve da municipalidade de sua terra, uma bolsa de estudos para ir à Nápoles estudar escultura com o professor Achille D’Orsi (1845-1922), mestre oitocentista de inspiração realista. Devido a sua dedicação recebeu uma indicação do professor para *Rial Accademia di Belle Arti di Napoli*, onde o próprio D’Orsi havia estudado sob a orientação do escultor e professor Tito Angelini (1808-1878), um dos grandes artistas da época, realizador de inúmeras esculturas que ornamentam o Palácio Real de Nápoles. Da cidade napolitana, Pasquale seguiu para Roma, para aperfeiçoar sua arte, permanecendo pouco tempo na cidade romana.

Chegou ao Brasil, com apenas 20 anos. Nascido em 1873, acredita-se que em 1893 desembarcou no porto de Santos, seguindo para a cidade de São Paulo, no final do

século XIX e início do século XX apresentava-se como terra das oportunidades para imigrantes europeus. Na capital paulista Pasquale casou-se com uma espanhola chamada Maria Tapia, e com ela teve duas filhas Emília e Cecília, por conta das inúmeras viagens, uma nasceu no Brasil e a outra na Itália.

Na capital paulista montou uma fundição artística, realizando pequenos trabalhos, até ser convidado pelo arquiteto baiano Theodoro Sampaio, para realizar as figuras que ornamentariam a área externa do anfiteatro Alfredo Brito, da Escola de Medicina da Bahia.

Primeiros Trabalhos em Salvador.

A Escola de Medicina da Bahia foi local dos primeiros trabalhos do artista italiano, em terras soteropolitanas. Atualmente estão presentes no mesmo lugar, porém seriamente danificadas pelo tempo. São estatuas de personagens da medicina baiana, confeccionadas em argamassa de cimento branco, devido à falta de verbas, para sua realização em bronze, material considerado nobre e de grande valor estético. Na instituição também estão expostos bustos de ilustres professores da instituição como: Alfredo Thomé Brito (1863-1909), pioneiro no uso da radioscopia em cirurgia de guerra e o administrador na ocasião da reconstrução do prédio após o incêndio de 1905; Manoel Vitorino Pereira (1853-1902) médico e governador baiano no período republicano; Francisco de Paula Rodrigues e Augusto César Vina, médicos baianos famosos. Ao longo dos anos diversas obras como: estatuas medalhões, bustos e hermas em bronze foram confeccionados por Pasquale para a Escola de Medicina, demonstrando uma estreita relação entre o artista e a casa. Depois desses trabalhos da década de 1910, a família De Chirico transferiu-se definitivamente para a cidade, passando a residir no bairro do Rio Vermelho, na região central, próximo a Baixa do Sapateiro, montou seu ateliê.

Monumentos decoram a Cidade.

O regime republicano no Brasil nasceu sob o manto do ideário “Ordem e Progresso”; definidos na própria bandeira nacional. Com isso os dirigentes desse novo

sistema político procuraram propostas modernizantes, copiadas, principalmente do modelo francês. Em Paris, sob a direção do Barão Haussmann, o "embelezamento estratégico" pretendia disciplinar os usos do espaço urbano através da abertura de grandes e largas avenidas, privilegiando o uso e a funcionalidade da cidade.

O historiador Rinaldo Leite aponta à motivação de introduzir nova dinâmica a cidade, registrada pelo decreto de número 1.109 de 25 de junho de 1912 que definia a abertura de crédito inicial para os primeiros trabalhos de remodelação urbana. Pelo decreto, os melhoramentos justificam-se como uma necessidade do progresso e da civilização que já eram notados em diversas cidades do Brasil (LEITE, 1996:11). Assim, seguindo as implementações públicas de melhoria da capital baiana, no dia sete de setembro de 1915, foi inaugurada a tão aguardada avenida idealizada por J. J. Seabra, que recebeu o nome de Avenida Sete de Setembro, localizada na região central da cidade. Criticada por muitos e adorada por outros, ela tornou-se um marco das transformações urbanas da elite na capital da Bahia. Congregando os padrões europeus a ampla avenida foi bem iluminada e arborizada. O governador Seabra também desejava apagar da memória dos soteropolitanos o incômodo episódio do bombardeio do Palácio do Governo, ocorrido em 10 de janeiro de 1912 por conta de divergência política, para isso utilizou a empresa pública para o melhoramento, mesmo que por vezes a “revelia contratando empresas particulares, como a Cia de Melhoramentos da Bahia e a Cia Empreiteira Lafayette, que por falta de verbas e materiais – visto que o período avizinhava-se da Primeira Guerra Mundial – interrompiam freqüentemente seus trabalhos, causando inclusive greves trabalhistas” (LEITE, 1996:11). A construção sempre foi alvo de críticas. A presença do eterno canteiro de obras na cidade causava muito desagrado. Mas passados esse período a nova Avenida cumpria seu papel de embelezamento e salubridade da cidade de Salvador.

Na mesma avenida, Antonio Muniz Sodré Aragão que esteve à frente do governo da Bahia entre 1916 e 1920, inaugurou em 15 de novembro de 1916 o relógio público *Henry Lepante* que ficou conhecido como Relógio da Avenida e posteriormente como Relógio de São Pedro. Importado de Paris, o novo equipamento recebeu uma base de quatro faces, apoiadas por quatro figuras de Atlantes. As esculturas e o corpo do poste em ferro fundido foram confeccionados por Pasquale De Chirico. No alto do

conjunto um lampião complementava a obra e exercendo a função primitiva de iluminação em um ponto de cruzamento de todos os ramais do Bonde da Linha Circular.

Em 1919 foi reinaugurada a sede do poder estadual, destruída pelo bombardeio de 1912, foi reformada com pompa. Sendo rebatizada de Palácio do Rio Branco, em homenagem ao falecido Barão de Rio Branco (1845-1912), ícone republicano. Em estilo neoclássico o novo edifício ganhou exagerada ornamentação na fachada. Pasquale De Chirico foi contratado para produzir uma alegoria do governador em cimento branco, coberto por uma camada de patina cinza, localizada no hall inferior, uma estátua de Thomé de Sousa, confeccionada em cimento branco, localizada em um nicho na escadaria central, para a fachada principal: dois grifos e duas alegorias femininas.

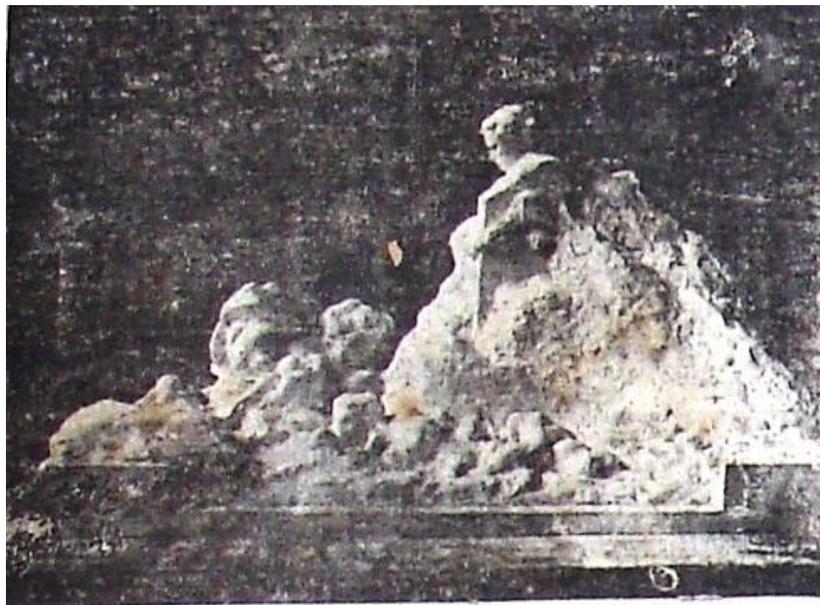
Ainda em 1919 foi inaugurada outra grande obra pública de Pasquale De Chirico. A estátua do Barão do Rio Branco concretizava o desejo da população em prestar homenagem ao “ilustre” diplomata brasileiro. Muitos obstáculos foram sanados para levar a cabo tal empreendimento, as dificuldades para a execução do monumento não estava somente relacionadas à falta de verbas, mas, sobretudo, aos contratemplos impostos pela Primeira Guerra Mundial, implicando na carência de matéria-prima. Graças ao cônsul brasileiro em Nápoles, dr. Philomeno Padula foi possível exportar o bronze necessário para a conclusão da obra (O IMPARCIAL, 06.09.1919). A homenagem ao Barão do Rio Branco foi realizada sob impacto da comoção por sua morte em 1912, sendo a obra uma prova de civismo e patriotismo do povo baiano.

O desejo de erigir uma estátua em homenagem ao poeta Antonio Frederico de Castro Alves (1847-1871) mobilizou a sociedade baiana desde a morte do poeta, festivais foram organizados por clubes de poesia em prol da construção de uma homenagem em pedra e bronze (Diário Oficial, 02.04.1908). Nos anos que se seguiram diversas notas e textos apareceram nos periódicos pedindo auxílio para a construção do monumento ao orador dos escravos.

No Diário da Bahia de 12 de julho de 1919, na sessão “Sciencias, Letras e Artes” publicou uma matéria com a maquete da obra a Castro Alves, em tom de cobrança pela demora pelo poder público em auxiliar na construção da obra. O texto expressa a dificuldade encontrada pela comissão em angariar donativos, que até aquele momento havia conseguido apurar 25 contos, sendo necessário no mínimo o dobro. Destacando ainda:

O conhecido e talentoso escultor sr. Paschoal de Chirico, com quem, anteriormente, a comissão se entendeu, está em condições de apromptar o monumento. Dos seus talentos artísticos a sua competência todos têm tido afirmações nos trabalhos do seu atelier e na estatua de Rio Branco. O Sr. Paschoal de Chirico teve uma Idea magnífica para o monumento a Castro Alves, Idea que traçou em uma maquette. Encimando os rochedos, a o busto de Castro Alves. Mas em baixo, as águas tumultuosas da Cachoeira de Paulo Afonso; e rolando de envolta com águas corpos de negros estorcendo-se de dor, contrahidos, os músculos, como pelo desejo de libertar-se do abraço fortíssimo das ondas.

É um bello symbolo e um trabalho digno do fim a que se destina (DIARIO DA BAHIA, 12.07.1919).



A «maquette» representando o busto de Castro Alves

Imagem da maquete da versão realizada por Pasquale De Chirico. É possível identificar a silueta do poeta sentado. O volume na base da imagem seria das pedras da Cachoeira de Paulo Afonso, imortalizada por Castro Alves (Diário da Bahia, 12.07.1919)

Para a realização da escultura a população foi convocada para doações, coletadas na Associação dos Empregados do Comércio da Bahia. Embora De Chirico tenha feito outros trabalhos de igual valor artístico, ficou mais conhecido por esta obra. Mas não foi exatamente o que ele havia concebido, pois foi “obrigado” a seguir a orientação da comissão encarregada do monumento. Pasquale imortalizou o poeta dos escravos, com o braço direito estendido em imponente gesto declamatório. A obra foi inaugurada no dia 06 de julho de 1923, após procissão à Nossa Senhora da Ajuda. Os festejos contaram também com um recital de versos do poeta interpretados por intelectuais

baianos. A organização dos festejos ficou por conta da Academia Bahiana de Letras, que convocou as associações de poesia como Academia Manoel Victorino e Hora Literária, a levar flores para colocar no monumento (DIARIO DE NOTICIAS, 01.06.1923).

Os jornais lembraram presença das ruínas do teatro São João, pois Castro Alves inúmeras vezes utilizou aquele espaço para suas declamações, sendo justas as homenagens naquele local (DIARIO DE NOTICIAS, 01.06.1923) que já levava o nome de Praça Castro Alves desde 1881.

Na Cidade Baixa no ano 1932 um novo monumento destacava-se na paisagem urbana. Entre sobrados comerciais, saveiros e a Casa da Alfândega, a figura do Visconde de Cayru ornamentava a cena. O monumento erigido por Pasquale De Chirico em granito e bronze tem a figura de José da Silva Lisboa (1756-1835) dominando o conjunto, ladeada por grupos que representam a abertura dos portos, o comércio, indústria, arte e civilização. À frente, pisando a quilha de um navio de pedra, uma alegoria simboliza a liberdade comercial, conquistada pela abertura dos portos em 1808. A obra em grande parte foi confeccionada na Itália, pois, como dizia De Chirico, não queria-se sofrer como acontecera com a construção do monumento de Castro Alves, confecção interrompida várias vezes. Desde o ano de 1837, uma lei da província autorizava o governo levantar, numa das praças da capital, uma estátua em bronze do Visconde de Cayru. A concretização ocorreu 86 anos depois. Uma concorrência pública, não só na Bahia, mas também no Rio de Janeiro e São Paulo, foi aberta por quatro meses, inclusive com a distribuição de prêmios. Foram apresentados nove projetos e escolhido o de Pasquale De Chirico (FLEXOR, 1998: 76).

O monumento a D. Pedro II (1825-1891) foi a última grande obra De Chirico, iniciada em 1936 e concluída no ano seguinte. Fora instalada inicialmente no campo da Pólvora, atualmente ocupa o centro da Praça Conselheiro Almeida Couto no bairro de Nazaré. Com 9.30m de altura trás um imponente D. Pedro fardado como aparece em uma representação óleo sobre tela existente no salão nobre do Paço da Câmara Municipal de Salvador. Nos ângulos da base do monumento quatro grandes candelabros de bronze ornamentam as faces. Em uma das faces laterais um grande medalhão em bronze representa D. Thereza Christina, com cognome de “a mãe dos brasileiros” e na

outra um grande medalhão de bronze representa a Princesa Isabel, denominada “a redentora”. Sobre essa inauguração Sarnelli afirma:

Tenho uma vaga lembrança de ter participado no Campo da Pólvora. Onde hoje está o Fórum. Eu era criança na época. Nessa mesma época também participei da inauguração da obra Conde dos Arcos, em frente à Associação Comercial. Íamos de bonde, ele não tinha carro, teve em 40, mas logo vendeu. Lembro que era um monte de gente, com discurso, falatório, música, com aquelas bandas de fanfarra, tudo muito alegre e colorido, pronto estava inaugurada a obra, nos dias seguintes as pessoas visitavam a obra, depositavam flores¹.

No início da década de 40 do século XX duas obras de Pasquale De Chirico destacam-se: a herma do Padre Manuel da Nóbrega de 1943, localizado em frente à Igreja D’Ajuda e o busto de D. Pero Fernando Sardinha de 1944. Possivelmente ambas foram terminadas pelo discípulo Ismael de Barros. Embora apresentem a assinatura de De Chirico.

A herma do Padre Manoel da Nóbrega possui 0.70 m de altura e 0.50 m de largura. Assentada sobre pedestal de granito apicoado, com barras lisas nas extremidades. Esse pedestal compõe-se de seis blocos. A base é formada por quatro blocos do mesmo tamanho e de uma coluna de grandes blocos. Na parte inferior do monumento, do lado esquerdo, aparece uma jovem índia semi-ajoelhada, com braços cruzados sobre o peito, abraçando uma cruz². Sarnelli recorda-se dos detalhes da imagem

Aquela obra do Manuel da Nóbrega, em frente à Ajuda [Igreja] possuía duas índias. Eu me lembro bem das conversas em casa. Uma índia o “Velho” [Pasquale] usou como modelo minha mãe Emilia, e a outra minha tia, Cecília. A outra índia eu não sei o que aconteceu. Ninguém sabe. Já fui atrás. A que ficou é a com o rosto da minha tia.

O busto de D. Pero Fernandes Sardinha foi inaugurado em 1944 na Praça da Sé, em frente ao Palácio Arquiepiscopal. A obra é composta por um pedestal de granito apicoado, com barras lisas nas extremidades. A base inferior é oitavada. Sobre a parte

¹ Depoimento de Bartolo Sarnelli em 25.09.2008

² www.cultura.salvador.ba.gov.br acesso em 05.12.2009

superior do pedestal encontra-se o busto do primeiro bispo do Brasil, Dom Fernando de Menezes Coutinho e Vasconcelos (1496-1556), que se apresenta de frente, porte ereto, vestido trajas episcopais. Sobre a cabeça uma mitra. A mão direita está levantada, num gesto de oferecer a benção, enquanto a outra descansa sobre a base. As vestes apresentam-se com caimento natural espreado sobre o pedestal pelos quatro lados, em pregas volumosas³.

Com as mãos sujas de barro.

Pasquale De Chirico faleceu em 31 de março de 1943, uma quarta-feira cinzenta e fria na capital baiana, como escreveu na época o amigo e poeta Hélio Simões: “Morreu trabalhando, as vésperas dos setenta anos, fulminou-lhe o coração no seu próprio atelier. Tinha as mãos sujas de barro”⁴.

Por ocasião de sua morte houve uma grande consternação no meio artístico soteropolitano. Em sua homenagem ocorreram duas exposições com suas obras, sendo uma delas no salão da antiga Biblioteca Pública da Bahia no mesmo ano de 1943. Em 1974 ano de centenário do seu nascimento, no Museu de Arte da Bahia, houve uma exposição em sua homenagem.

Segundo Hélio Simões, Pasquale De Chirico:

[...] viveu de arte. Quando insatisfeito com as realizações de encomenda que lhe cerceavam a criatividade na restrição a normas que devia satisfazer, vingava-se na modelagem de pequenas e autênticas obras de arte, reproduzidas em bronze, ou em riscar, frequentemente a bico de pena (nanquim), figuras típicas, em que compraziam o seu poder de observação e seu anseio criador (Op. Cit. 4).

Simões refere-se aos desenhos e gravuras realizadas pelo artista. Muitos de seus modelos, com traços africanos. A família possui algumas dessas gravuras, cuidadosamente emolduradas. Para o amigo Pasquale era um admirador da estética

³ www.fundacaogregoriomatias.ba.gov.br acesso em 12.11.2009

⁴ Catálogo de apresentação da mostra Centenário nascimento de Pasquale Di Chirico, realizado no MAB em 1974.

negra, sendo comum encontrar um sujeito na rua, e convidá-lo para ir a sua casa para servir-lhe de modelo (Op. Cit. 4).

Durante 40 anos De Chirico esculpiu personagens da história do Brasil, mas após sua morte, Pasquale De Chirico foi “esquecido”, ficando durante anos sem atribuição de algumas de suas obras ao nome do artista. Para o senhor Sarnelli “propositalmente abandonado, pois sempre houve polêmica relacionada com o seu trabalho já que grande parte dele fora realizado na Itália, não por opção sua, mas porque na época lhe faltavam os meios necessários no Brasil”. Também percebemos que na primeira metade do século XX, aos artistas e intelectuais estrangeiros não convinha “aparecer”, principalmente no período das chamadas Guerras Mundiais, muitos eram erroneamente associados aos regimes totalitários europeus, como no caso de Pasquale De Chirico, por ser italiano. Devido a esse “silenciamento” pós-morte percebemos que arte escultórica na Bahia foi descrita durante um tempo, por críticos e intelectuais, a partir de Ismael de Barros, artista baiano e discípulo do próprio De Chirico. Aspecto que merece mais atenção e estudo.

Últimas Considerações.

Pasquale De Chirico criou uma série de trabalhos evocativos da raça e da evolução regional brasileira como: o “Padre Manuel da Nóbrega”; a índia em tamanho natural feita de gesso, que está no Arquivo Público da Bahia, alegorias para monumento de Castro Alves. Para o amigo Carlos Chiacchio, crítico de artes e jornalista:

Pasquale fundou uma verdadeira escola de escultura entre nós, formando inúmeros discípulos, alguns aprenderam apenas as técnicas do desenho, como Mendonça Filho, outros, porém, desenvolveram com ele a arte escultória como Ismael de Barros, J. Rocha, Augusto Buck, Carlos Sepúlveda, Maria Célia Amado Calmon, Jair Brandão, Lourenço Conceição (JORNAL DA ALA, 1943).

Pasquale continua sendo uma figura importante na vida artística da cidade criou inúmeros desenhos, bustos, medalhões e hermas, além de trabalhos ligados a arte mortuária, presente em alguns cemitérios de Salvador e do interior do estado. De mãos privilegiadas, idealizou obras para: praças, solares, museus e academias. Na Escola de Belas Artes da Bahia, repassou suas técnicas aos artistas locais. Na pinacoteca

municipal de Venosa há uma sala em homenagem ao artista ítalo-brasileiro e dois trabalhos feitos na adolescência, em uma praça da cidade também existe um monumento ao Cardeal De Lucca, confeccionado por De Chirico.

A memória de seu tempo será sempre lembrada através de suas obras, pois em qualquer época necessitamos de referência de nosso passado, nesse sentido percebemos que as nossas monumentos estão carregados de “vozes” do passado, evocam os antepassados e seus feitos, além de possuírem um caráter didático e ideológico. Para Le Goff, os monumentos possuem como principal característica ligar-se ao poder de perpetuação voluntária ou involuntária, das sociedades históricas, como um legado à memória coletiva (LE GOFF, 1986: 536). Lembramos e reconstruímos o passado através dos documentos e dos monumentos.

As obras de arte possuem um discurso ético e moral, sendo que uma de suas funções é demarcar território, tanto no sentido geográfico como no sentido da memória. Sob aspiração do nacionalismo e do patriotismo diversos monumentos foram construídos em Salvador na primeira metade do século XIX. A História sob o viés positivista e factual valorizava as homenagens aos “homens distintos” perpetuando em materiais nobres como o bronze ou o mármore suas ações. Como um modelo a ser seguido pelas gerações futuras. Em 1933 já anunciava Pedro Celestino, membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

Os tempos antigos e os modernos não divergem nesse ponto [homenagear os heróis]. Se na antiguidade levantavam-se estátuas aos grandes guerreiros, a civilização moderna segue a mesma prática, homenageando seus beneméritos. Porque a cultura de um povo se afere, neste caso, pelo número de seus monumentos. A realização da arte das estatuárias busca-se referência para a celebração das glórias nacionais, porque é a estátua que põem em contato o povo com os antepassados. Assim podemos perceber que para a sociedade soteropolitana do início do século passado um monumento é como um poema que imortaliza a história nacional, possibilitando a continuidade entre passado e futuro. Lembrar e honrar os filhos ilustres constitui obrigação e uma característica das nações modernas e “civilizadas”. Os monumentos públicos são como atestado de moral do povo (SILVA: 1933: 76).

A leitura e a crítica a esses monumentos põem em relevo as lutas simbólicas da sociedade e a construção do imaginário urbano. São “lugares da memória” (NORA, 1993: 7) sob formas artísticas, gravados em pedra e metal em um entrecruzamento histórico-cultural.

Referências e Fontes

Fontes Orais

Depoimento de Bartolo Sarnelli em 25.09.2008

Periódicos

Diário da Bahia, 12.07. 1919.

Diário da Bahia, 16.10.1920

Diário da Bahia, 01.06.1923.

Diário Oficial, 02.04.1908.

Diário de Notícias, 01.06.1923.

O Imparcial, 06.09.1919.

Jornal da Ala – Associação de Letras e Artes, 1943.

Outras Fontes

Fundação Gregório de Matos. www.cultura.salvador.ba.gov.br Acesso em 05.12.2009

Secretária de Cultura de Salvador. www.cultura.salvador.ba.gov.br acesso em 05.12.2009

Bibliografia

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**; tradução Pier Luigi Cabra. 5ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

AZEVEDO, Thales de. **Italianos na Bahia e Outros temas**. Salvador, Empresa Gráfica da Bahia, Secretaria da Cultura, 1989.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa, Publicações Europa-América, 1965.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e Misérias da Biografia. In: **Fontes Históricas**. São Paulo, Editora Contexto, 2005.

Catálogo de apresentação da Mostra do Centenário Nascimento de Pasquale De Chirico, realizado no MAB em 1974

DELGADO, Lucília de A. N. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

FLEXOR, M. H.. J.J. Seabra e a reforma urbana de Salvador (Bahia-Brasil).In: **Congresso Internacional de Americanistas**, 49. 1997, Quito. Anais..., 1997.

_____, **Os Monumentos Comemorativos no espaço urbano de Salvador**. Anais da XIX Reunião Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Curitiba, 1999

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KNAUSS, Paulo. **Cidade Vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1999.

LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**. In: ROMANO, Ruggiero (Dir). Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984. v. I. Memória – História.

LEITE, Rinaldo C. N. **E a Bahia civiliza-se: idéias de civilização e cenas da anti-civilidade em um contexto de civilização urbana: Salvador 1912-1916**. Salvador: Mestrado em História, 1996, 161p. (dissertação).

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro. Fundação Getulio Vargas Editora, 1996.

MATTOSO, Kátia: Bahia: **A Cidade do Salvador e seu mercado no Século XIX**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10,1993.

PORTELLI, Alessandro. O Que Faz a História Oral Diferente. **Revista do Programa e Estudos Pós-Graduação em História**, nº14, São Paulo, 1997.

SANTOS, Mário A. S. **A República do Povo: sobrevivência e tensão: 1890-1930**. Salvador. EDUFBA, 2001

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SILVA, Kalina e SILVA, Maciel. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Pedro Celestino. **A Bahia e seus monumentos**. Revista do IGHB. nº 59, 1933 p. 76

THOMPSON, Alistair. Quando a Memória é um Campo de Batalha: envolvimento pessoais e políticos com o passado do exército nacional. In: **Projeto História – Cultura e Representação**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História do Departamento de História. São Paulo: Educ. nº16, 1998.

UHLE, Ana Rita. **De Casaca ao Pé da Estação**: história do monumento a Campos Sales. Dissertação de Mestrado em História. UNICAMP, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Campo e cidade na história e na literatura**. São Paulo, Cia. das Letras, 1989.

WITTKOWER, Rudolf. **Escultura**. São Paulo: Martins fontes, 1989.